

**Cooperativa de Catadores no Município de Esmeraldas / MG:
espaços, interações e práticas na construção da organização**

Dijana Helena Diniz Costa Vieira/Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais*

Amanda Ribeiro Carolino/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Alex José de Almeida/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio/Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais

RESUMO

A cooperativa dos catadores de materiais recicláveis do município de Esmeraldas-MG constitui-se de uma organização não tradicional, fortalecida pelas relações sociais existentes no cotidiano das pessoas envolvidas. Também pode ser compreendida dentro da chamada Gestão Ordinária. Considerando as práticas cotidianas, questionou-se quais as mudanças foram vivenciadas pelos catadores após o fechamento do lixão do município e a reativação da associação, e como se desenvolve às suas formas atuais de organização. Objetivou-se analisar essas modificações, através do método cartográfico, com o aporte de entrevistas semiestruturadas em profundidade, mapa participativo e diário de bordo. Foi aplicada a análise de discurso para discutir as narrativas coletadas, concluindo-se que houveram mudanças na forma de organização dos catadores, principalmente em relação ao trabalho autogestionário. O processo de triagem dos resíduos se manteve semelhante à época do lixão. Destacou-se o protagonismo dos catadores associados.

Palavras-chave: Organizing; Gestão Ordinária; Catadores de Materiais Recicláveis; Associação.

**Organizing of the waste pickers' cooperative in the city of Esmeraldas /
MG: spaces, interactions and practices****ABSTRACT**

The organizing of waste pickers in the city of Esmeraldas-MG is a non-traditional organization, strengthened by the social relations existing in the daily lives of the people involved. It can also be understood within the call: Ordinary Management. Considering everyday practices, it was questioned what changes were experienced by collectors after the closure of the municipal dump and the reactivation of the association, and how it develops to its current forms of organization. The objective was to analyze these changes, through the cartographic method, with the contribution of interviews, participatory map and logbook. Discourse analysis was applied to consider the collected narratives, concluding that there were changes in the way the collectors were organized, especially in relation to teamwork. However, the waste sorting process remained similar to the time of the dump. The role of the associated waste pickers was highlighted.

Key-words: Organizing; Ordinary Management; Waste Pickers; Association.

Organización de la cooperativa de recicladores en el municipio de Esmeraldas / MG: espacios, interacciones y prácticas

RESUMEN

La organización de recolectores de material reciclable en la ciudad de Esmeraldas-MG es una organización no tradicional, fortalecida por las relaciones sociales que existen en la vida cotidiana de las personas involucradas. También se puede entender dentro de la convocatoria: Gestión Ordinaria. Teniendo en cuenta las prácticas cotidianas, se cuestionó qué cambios vivieron los carroñeros tras el cierre del vertedero municipal y la reactivación de la asociación, y cómo se desarrolla a sus formas de organización actuales. El objetivo fue analizar estos cambios, a través del método cartográfico, con el aporte de entrevistas, mapa participativo y cuaderno de bitácora. Se aplicó análisis de discurso para considerar las narrativas recolectadas, concluyendo que hubo cambios en la forma de organización de los recolectores, principalmente en relación al trabajo en equipo. Sin embargo, el proceso de clasificación de residuos siguió siendo similar al momento del vertedero. Se destacó el protagonismo de los coleccionistas asociados.

Palabras-clave: Organizing; Gestión Ordinaria; Recicladores; Asociación.

1 INTRODUÇÃO

O governo brasileiro, tendo ciência da ineficiência dos lixões e os danos socioambientais gerados pelo mesmo, criou em 2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), visando fechar os lixões a céu aberto, incentivar a logística reversa, delegar e orientar todos os membros da cadeia de resíduos (CARDOSO, 2020). Segundo Abramovay, Speranza e Petitgand (2013, p.21):

Lixões e baixo aproveitamento de resíduos sólidos exprimem uma relação doentia entre sociedade e natureza, em cuja base se encontra a maneira como são tanto concebidos, produzidos, distribuídos, consumidos e descartados os produtos quando geridos os sistemas de coleta e disposição dos remanescentes do consumo.

Devido à ausência de um sistema de gestão de resíduos com planejamento adequado, o objetivo não foi alcançado no prazo inicialmente estimado. Como uma nova tentativa de erradicar todos os lixões, o Ministério do Meio Ambiente (MMA), criou o Programa Lixão Zero em 2019, que determinou o prazo até 2024 para a erradicação dos lixões (MMA, 2021). Segundo as informações publicadas pelo MMA (2021), em 2020, foram fechados mais de 600 lixões brasileiros. Lima (2018) ressalta que a desativação de um lixão impacta no trabalho dos catadores, profissionais que serão abordados no presente estudo, uma vez que eles deixam de ter canais fixos para recebimento de matéria-prima e passam a depender de apoio de órgãos públicos, empresas privadas e moradores para acessarem esses resíduos.

Recentemente, observou-se a organização dos catadores de materiais recicláveis de Esmeraldas (MG) em uma associação formal, adotando uma configuração organizacional não tradicional, dado que o lixão do município de Esmeraldas-MG foi fechado no fim de julho de 2020 e que lá era o espaço de trabalho dos catadores de materiais recicláveis do município.

O presente estudo busca responder à seguinte pergunta problema: *“Quais as mudanças vivenciadas pelos catadores de materiais recicláveis após o fechamento do lixão e a reativação da associação? Atualmente, como se dão as suas formas de organização neste espaço?”*.

Para isso, o objetivo geral da pesquisa foi analisar quais as mudanças nas práticas cotidianas dos catadores de materiais recicláveis do município de Esmeraldas (MG) após o fechamento do lixão e a reativação da associação e como eles se organizam neste novo espaço. Os meios para alcançar esse fim, foram o método cartográfico, com o aporte de entrevistas, mapa participativo e diário de bordo. No intuito de analisar as narrativas, foi aplicada a análise de discurso.

Nas presentes sessões deste artigo é apresentada a base teórica do estudo, que remete à discussão sobre o chamado *Organizing* e a Gestão Ordinária. Em seguida, é apresentado o percurso metodológico da investigação e discutidos os resultados encontrados. No fechamento do artigo, nas considerações finais, são apresentados os principais achados sobre como os catadores construíram espaços, interações, práticas a partir do *Organizing* dessa cooperativa.

2 ORGANIZING: associações como forma de organização coletiva do trabalho

O termo *organizing* começou a ser discutido na década de 60, com a publicação do livro *The Social Psychology of Organizing* (WEICK, 1973) (primeira edição), quando o autor trouxe a ideia de que as organizações devem ser entendidas como um verbo, tratando a sua forma de organizar fora de uma lógica substantiva, na qual predominava a organização como um elemento nomeado (CZARNIAWSKA, 2008). Nesse livro, o autor entende organizações como processos complexos continuamente executados, resultados de interações que compõem as práticas organizacionais (CZARNIAWSKA, 2008).

Deve-se considerar em um estudo sobre *organizing* que a ação humana dentro da organização é o fato que torna possível a sua existência, não sendo possível a sua existência independente do conjunto de atividades humanas (CZARNIAWSKA, 2008).

Segundo Coelho e Godoy (2011), as associações são uma forma de organização coletiva do trabalho, não tradicional. Com base nos expostos pelos autores, no âmbito da economia solidária, elas são caracterizadas pela associação de pessoas em gestões democráticas para produzir e reproduzir meios de vida, segundo relações de solidariedade, reciprocidade e igualdade.

O conceito de associações como organizações coletivas de trabalho, em vários casos, contrapõe teorias e conceitos clássicos sobre teorias organizacionais tradicionais, muitas vezes, ligados à ideia de rotina e ordem (CZARNIAWSKA, 2013). Geralmente, muitos estudos que se focam em estudar

as organizações tradicionais esquecem de focar nas pessoas e no cotidiano de seus afazeres (SANTOS; ALCADIPANI, 2015). Nesses estudos tradicionais, a mudança nas organizações é, muitas vezes, algo que deve ser evitado e corrigido quando necessário (TSOUKAS; CHIA, 2002).

De acordo com Possas *et al.*, (2017), essas ações construídas pelos atores, se repetidas diariamente, passam a sensação de estabilidade, de ordem e de organização, a aqui denominada *Organizing*. Segundo esses autores, o termo “*organizing*” diz respeito a uma maneira menos funcionalista dos modelos de organização/administração. Consoante a eles, o modelo tradicional de organização está centrado na concepção que um conjunto de pessoas possui objetivos e metas em comum, e usam a “organização” como estratégia/meio para alcançar estes objetivos. Enquanto a essência do termo “*organizing*” está no fato das empresas focarem nas subjetividades das pessoas e seus afazeres cotidianos.

Em conformidade com Possas *et al.*, (2017), o *organizing* está direcionado para a construção coletiva entre os atores dentro das organizações. Para eles, essa organização é entendida como um conjunto de práticas e arranjos de ações performadas por um fluxo ordenado e reordenado pela ação humana. Além disso, autores, esclarecem que por mais que existam “hierarquias” neste modo de organização, ainda prevalecem às formas horizontalizadas de relação entre os atores. De maneira geral, os empreendimentos solidários apresentam particularidades como: autogestão; democracia; participação; igualitarismo; cooperação; autossustentação; desenvolvimento humano e responsabilidade social (GAIGER, 2003).

Para alcançar tais objetivos de gestão, a dinâmica organizacional deve ser formulada para esse tipo de economia. De acordo com Coelho e Godoy (2011), a dinâmica organizacional trata, no limite, das relações e interações que são construídas e significadas entre os indivíduos, seus trabalhos e a estrutura organizacional, que dão sentido aos primeiros acerca de onde e como trabalham. Dessa forma, influencia a vida dos indivíduos.

Considerando que as associações são uma forma de organização coletiva do trabalho e que as práticas de gestão são determinadas pelo *organizing*, Cardoso (2020, p.225) elucida que elas são “*uma importante forma de organizar as marginalizadas e marginalizados*” da sociedade atual. Isso se dá à medida que a forma de organização coletiva do trabalho, gerida pelos próprios catadores, é uma alternativa mais inclusiva para que eles se unam para conquistar os seus direitos (CARDOSO, 2020).

Segundo Bosi (2008), a organização do trabalho dos catadores é determinada a partir dos preços pagos pelos recicláveis, fator que sugere a adoção de uma abordagem sobre a jornada e a renda dos catadores absolutamente articulada ao preço dos recicláveis. Além disso, as necessidades dos indivíduos inseridos na casta de recicláveis influenciam no quanto eles irão trabalhar para obter a renda (BOSI, 2008). Ainda, o autor relata que há certas condições que interferem no trabalho dos catadores como um bom relacionamento com moradores das cidades, o conhecimento dos pontos mais promissores para a cata e de se anteciparem aos seus próprios pares e ao caminhão do lixo.

No contexto exposto acima, pode-se entender que o *organizing* dos catadores de materiais recicláveis constitui-se de um pequeno empreendimento, não tradicional, fortalecido pelas relações sociais existentes no cotidiano das pessoas envolvidas. Nesse contexto, esse tipo de organização também pode ser compreendido dentro da chamada: Gestão Ordinária, a qual será referenciada a seguir.

2.1 Gestão Ordinária: um olhar sobre a Gestão do Cotidiano

Ao contrário do gerencialismo característico das visões funcionalistas das empresas, a gestão ordinária aparece como uma nova proposta de gestão descentralizada das ideias de grandes negócios globais, internacionais e tem como foco, os pequenos negócios familiares, analisar o homem comum com suas relações sociais estabelecidas sua forma de organizar seus negócios e suas estratégias de sobrevivência (CARRIERI DE PÁDUA, 2014). Segundo o autor, a gestão ordinária é focada no protagonismo dos atores sociais, isto é, os sujeitos ganham vozes, e narram, falam, e contam suas histórias, fato que não ocorre nos modelos tradicionais de gestão (universo do sujeito submisso).

De acordo com Carrieri de Pádua (2014), essa prática de gestão ordinária pode ser considerada como uma resistência ao modelo de gestão tradicional, muitas vezes imposto aos atores sociais, sendo este considerado o “mais racional e eficiente”. Ele complementa que, a base desse conceito de gestão ordinária, se encontra atrelado ao termo “cotidiano”, uma vez que, essa prática parte da concepção da subjetividade dos sujeitos, bem como, a maneira pela qual cada um constrói a sua realidade. Esse termo “Gestão do Cotidiano” é melhor discutido por De Certeau. O pesquisador dimensiona as práticas cotidianas em quatro conceitos:

[...] espaço, lugar, estratégias e táticas. O espaço, para De Certeau, vai além dos níveis objetivos de análise, é: um lugar praticado (p.202). Por sua vez, os lugares são dissimulações visuais erigidas pela lei de um lugar de poder previamente estabelecido. Ambas não são dimensões antagônicas, pois coexistem. (MACHADO; SILVA; FERNANDES, 2020, p. 649).

Nesse contexto, “as relações entre os espaços públicos e os lugares fazem parte do cotidiano do gestor comum que usa o espaço público de forma transgressora em relação ao seu propósito estabelecido” (MACHADO; SILVA; FERNANDES, 2020, p. 649).

Ainda no trabalho de De Certeau (1998), esse autor descreve os caminhos nos quais são formadas as “práticas” sociais, organizando as táticas de consumo, no qual o lado mais fraco usa o forte para resistir à disciplina dentro dos grupos. Outro conceito importante também discutido por De Certeau (1998) é aquele que trata das estratégias da maneira de se fazer o cotidiano. Segundo o autor, esse conceito de “estratégia” refere-se às relações de força entre os sujeitos na posição de “próprio” e do “outro”, refletindo na forma de organização entre as partes.

3 PERCURSO METODOLÓGICO:

O presente estudo teve como aporte metodológico o uso da cartografia social, propostas por autores como Deleuze e Guattari (1997); Passos, Kastrup, Escóssia (2009); e Romagnoli (2009). Estes autores propõem uma cartografia contrária à cartografia convencional/tradicional alicerçada à ciência geográfica, pautada em representações socioespaciais, técnicas de georreferenciamento, precisão e cálculos matemáticos. De acordo com Péran (2013) “a cartografia é uma ciência da representação de um território basicamente para sua gestão política, cultural, inclusiva e afetiva (PÉRAN; 2013, p. 105)”.

A cartografia social surge como uma proposta teórica-metodológica voltada para o protagonismo dos atores sociais pertencentes a territórios onde são desenvolvidas pesquisas acerca de seus modos de vida, organização, saberes, conflitos e resistências. Pode-se dizer que este é um método centrado na representação social do espaço, a partir da produção/reprodução de realidades e de conhecimentos, de forma coletiva e inclusiva.

A cartografia proposta por Deleuze e Guattari (1997) parte da concepção do rizoma, semelhante a raízes que se ramificam horizontalmente sem um limite estabelecido, constituindo linhas de “conexão” onde diferentes forças e processos se conectam, formando uma “rede”. Entretanto, o rizoma diferente do modelo da árvore (vertical) consiste na proliferação do pensamento, pois, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.115). Assim como os indivíduos/sujeitos, o rizoma não possui uma forma única e se modifica a todo instante. Com base nisso e associado à cartografia os autores propõem que, quando se tratar de pesquisas envolvendo múltiplos sujeitos, mais do que desvendar uma verdade, deve-se seguir o rizoma (as conexões) para compreender os tipos de verdades que são produzidas nestas redes. São conexões que nos permite conhecer várias formas de pensar (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

A cartografia rizomática, nos remete também a ideia do “pensamento múltiplo”, no sentido que ao realizar uma pesquisa nos deparamos com diversas multiplicidades, nos levando a não pensar “historicamente” ao narrar os acontecimentos do campo, ou adotar um método para se chegar a um resultado “concreto”, mas sim pensar geograficamente ao ponto que o processo da pesquisa seja algo semelhante a uma paisagem que muda a cada instante, levando o pesquisador a não pensar “estaticamente” sobre o seu campo de estudo (DELEUZE; GUATTARI; 1997). Aqui, as estratégias metodológicas da pesquisa vão sendo construídas na relação com o objeto de estudo, de forma participativa e processual. A pesquisa na perspectiva cartográfica implica em uma prática que requer a inversão do modelo de pesquisa cunhada pela ordem do método científico que tem suas raízes fincadas no paradigma moderno “que possui como sustentáculos a razão, a objetividade e a busca de uma verdade” (ROMAGNOLI; 2009, p.166).

Nesse contexto, a cartografia social surge como uma metodologia inclusiva e participativa, que tem servido de instrumento reivindicativo, pois, através da confecção de mapas artesanais, mapas mentais, desenhos e narrativas (por entrevistas), as comunidades, povos originários, e grupos

sociais invisibilizados sentem-se à vontade para delinear suas demandas e compartilhar histórias e saberes (ACSELRAD; 2013).

Na pesquisa cartográfica existem diferentes ferramentas metodológicas voltadas para a coleta de dados no campo. No presente estudo os autores trabalharam com o mapeamento participativo, entrevistas e diário de bordo. Optou-se por desenvolver o mapeamento participativo na Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Esmeraldas-MG (ASCAMARE), no sentido de possibilitar o protagonismo dos catadores ao relatar as mudanças vivenciadas na transição do lixão para a constituição da associação, na perspectiva de que estes sujeitos pudessem relatar sob o ponto de vista da experiência (KASTRUP; BARROS, 2009) os impactos dessa passagem em seus modos de vida cotidiana. Através do mapeamento participativo é possível identificar demandas, saberes e experiências advindas das populações e grupos sociais, pois esta é uma ferramenta de emancipação, engajamento comunitário e transformação social (ACSELRAD, 2013).

A aplicação dessa ferramenta consistiu primeiro na autorização da pesquisa. Para isso, os autores entraram em contato com a associação e explicaram o objetivo, a dinâmica da metodologia e as contribuições que o estudo poderia possibilitar a eles. Após a aprovação, foi agendado o dia que seria realizado o método, priorizando uma data em que a maior parte dos catadores estaria no galpão. A realização do mapeamento participativo ocorreu no dia 09 de julho de 2021, e como foi presencial, foram providenciados materiais de proteção a Covid-19.

Para esse fim, reuniram-se os catadores e como muitos alegaram não saber desenhar e escrever bem, foram apresentadas cartografias sociais realizadas por outros grupos, no intuito deles se tranquilizarem e entenderem que o objetivo era o protagonismo e engajamento deles na atividade, na intenção de compreender como se organizavam antes no lixão e agora na associação. Participaram nove catadores.

Ao final, foram construídos dois mapas. O primeiro foi o mapa do lixão e o segundo, o mapa do galpão. Para evitar aglomerações e o trabalho não ser interrompido, os catadores se dividiram em três grupos, onde eles mesmos escolheram em qual iriam entrar. Além disso, foi eleito um representante, em cada grupo, para desenhar e os demais repassaram as informações importantes para a construção do mapa. Quanto ao segundo mapa, eles decidiram que apenas um catador iria realizar o desenho, pois estavam atarefados. Essa organização dos desenhos dos mapas foi protagonizada por eles, sem interferência dos pesquisadores, pois a essência do método cartográfico é justamente impulsionar o protagonismo e o engajamento dos sujeitos da pesquisa na efetivação do processo.

Complementarmente a elaboração dos mapas, foram aplicadas entrevistas que, na pesquisa cartográfica, têm como ponto de partida acessar dados específicos de certo contexto social. Esse modelo de entrevista segue uma linha de perguntas semi estruturadas, no sentido de propor um ponto de partida no assunto através de um “tópico guia” e ao mesmo tempo deixar os entrevistados abertos para relatarem o que considerarem importante acerca do tema. Destaca-se que não existe um modelo de entrevista na cartografia, pois

a mesma não visa identificar objetos fixos, ou informação relativa a mundos pré-existentes (TEDESCO; SADE; CALIMAN; 2013).

Ao fazer uso de entrevistas, interessa à cartografia promover o acesso ao plano coletivo de forças, saberes, e a pluralidade de vozes na experiência compartilhada do dizer (TEDESCO; SADE; CALIMAN; 2013, p.317). Desse modo, buscou-se através da entrevista, identificar as narrativas da gestora da ASCAMARE, a fim de detectar sob o ponto de vista de quem estava à frente das articulações e transição para a associação, o que de fato mudou nas práticas cotidianas dos catadores. Também foi entrevistada uma servidora pública da Secretaria do Meio Ambiente de Esmeraldas-MG que acompanhou todo o processo de transição da associação, com o intuito de identificar o suporte que a Prefeitura oferece aos catadores e também a sua opinião em relação às formas de organização dos catadores no lixão e no galpão.

A entrevista com a gestora foi agendada para o dia 16 de julho de 2021. O tópico guia utilizado na condução da conversa com a mesma visou: captar o seu ponto de vista enquanto catadora no lixão e na associação; compreender como usam os recursos humanos, financeiros e materiais disponíveis; e saber como é o diálogo com a gestão municipal.

Ao adentrar no galpão, na data combinada, a pesquisadora observou que a gestora estava atarefada e, por isso, se ofereceu para retornar em outro momento. A gestora concordou, porém a convidou para ir até o escritório para ver um projeto novo que a associação está participando. No intuito de saber mais sobre o que se tratava, a pesquisadora iniciou uma conversa, na qual se sucedeu a entrevista. Por essa razão, ela não foi gravada e as perguntas foram elaboradas com base no tópico guia, tendo duas horas de duração. Essa modalidade de entrevista possibilitou à entrevistada maior liberdade e tranquilidade para responder às indagações da entrevistadora sobre as formas de organização no lixão e na associação.

No dia 23 de julho de 2021 foi a vez de entrevistar a servidora pública da Secretaria do Meio Ambiente. A conversa aconteceu na sua sala e ela autorizou que fosse gravada. A entrevista foi semiestruturada por meio de um tópico guia que intencionava: levantar as principais mudanças no cotidiano da associação; os impactos causados em termos de gestão; alterações significativas nas práticas que ocorriam anteriormente no lixão e que ocorrem hoje no galpão da associação; e identificar se as hierarquias internas e divisão dos lucros são motivos de conflitos entre os catadores.

O diário de bordo foi um dos instrumentos utilizados na pesquisa e teve como objetivo registrar todas as etapas do estudo desenvolvido com os catadores, desde o primeiro contato com os representantes do espaço para agendar as datas dos encontros, até o processo final de análise dos dados coletados durante as fases do mapeamento e das entrevistas. Na cartografia, o registro do trabalho de investigação (pesquisa) ganha função de dispositivo, não propriamente para concluir o trabalho ou apresentar seus resultados finais, mas como disparador de desdobramentos da pesquisa. A pesquisa-intervenção requer, por isso mesmo, uma política da narratividade (BARROS; PASSOS; 2009, p. 173) onde diferentes vozes e saberes possam soar durante o processo da pesquisa.

Na análise dos dados da entrevista, optou-se por utilizar análise do discurso no intuito de identificar através das narrativas dos sujeitos as hipóteses deste estudo. Para os teóricos da análise do discurso, *“todo discurso é uma prática social”* (FOUCAULT; 1977), sendo a linguagem a essência dessa análise. Portanto, após as entrevistas, foi feita uma transcrição detalhada das falas das entrevistas, seguida de uma codificação das falas, no sentido de analisar os aspectos relacionados à pesquisa.

3.1 A ASCAMARE: Breve contextualização

A Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Esmeraldas-MG foi fundada em 2010 (ASCAMARE). Nessa época, os catadores realizavam a sua tarefa individualmente e o espaço de trabalho deles, era o lixão a céu aberto. A coleta seletiva, no município, foi iniciada em agosto de 2020, após a repentina desativação do lixão e a decisão de transferir os resíduos urbanos para Betim-MG.

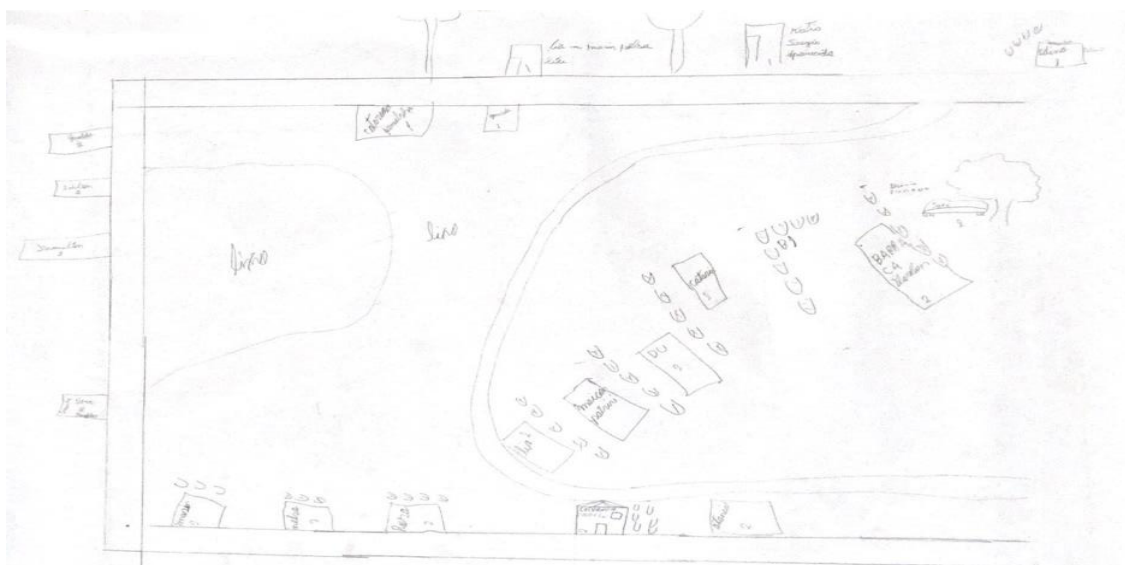
Como forma de auxiliar os catadores na preservação do seu sustento e por resposta a pressão de órgãos públicos a prefeitura criou o Projeto Reciclar é Vida em parceria com a ASCAMARE, onde forneceu aos catadores um caminhão e um motorista para realizarem as rotas nos bairros, um galpão para armazenamento dos materiais e alguns equipamentos. O termo de concessão desses benefícios tem duração de dois anos.

Em relação à gestão da associação, ela é realizada pela tesoureira, uma vez que a atual presidente decidiu não atuar como gestora. No entanto, essa mudança ainda não foi feita nas documentações da associação. Quanto aos associados, são 17 ex-catadores do lixão do município que escolheram atuar na associação.

3.2 Descrição e análise dos dados

O mapeamento participativo foi dividido em duas etapas: mapa do lixão e mapa do galpão. A **Figura 1** mostra o desenho do lixão do município antes do fechamento, feito pelos catadores.

FIGURA 1: Mapeamento participativo do lixão de Esmeraldas antes do encerramento



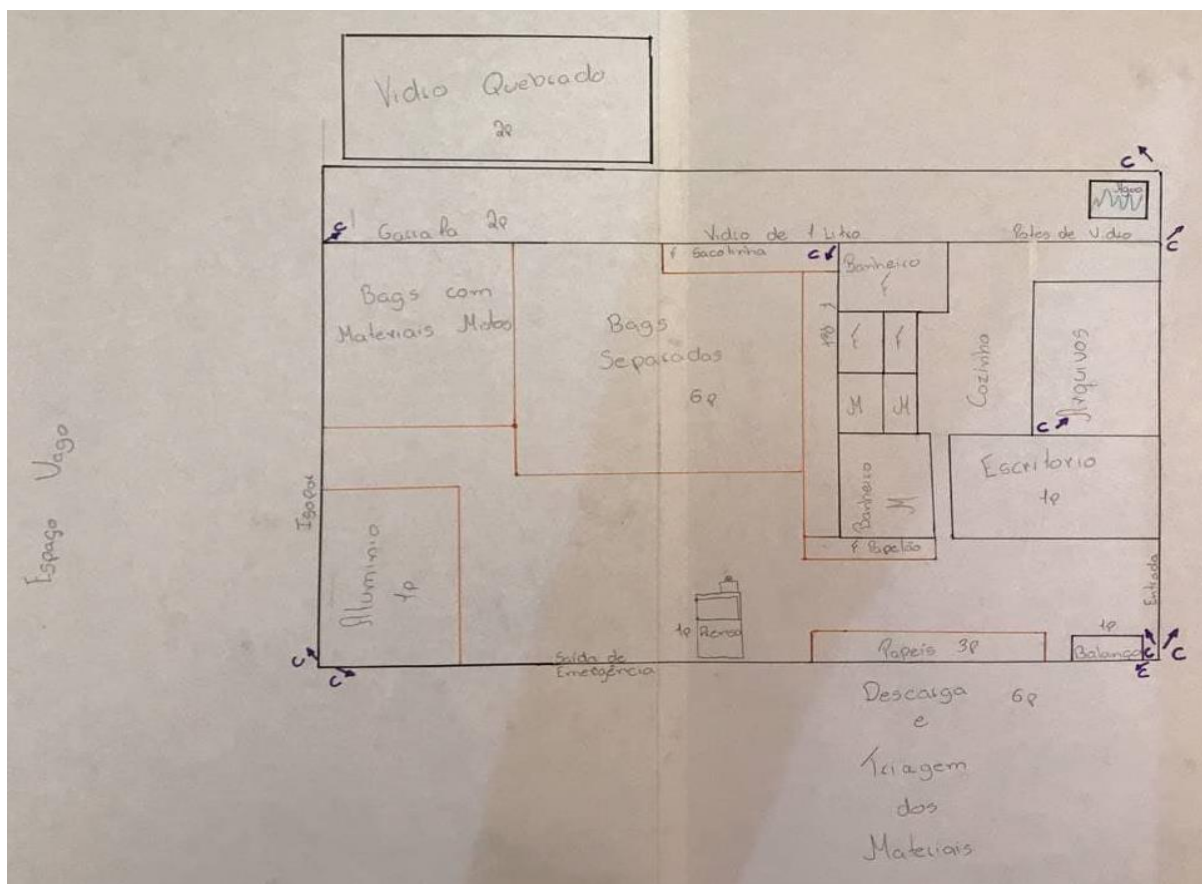
Fonte: Foto do mapa participativo elaborado pelos catadores associados da ASCAMARE (2021).

Nota-se na Figura 1 traços em formato de “U” que representam os *big bags* para reciclagem, que são sacos específicos para armazenar os materiais e que também serviam como muros para separar as barracas no lixão. Nota-se ainda, a marcação 1 e 2 nos desenhos das barracas, ela remete ao que os catadores denominam como etapas do lixão. De acordo com a explicação dos catadores, na primeira etapa as barracas ficavam na parte de baixo e na segunda, na parte de cima do terreno. Segundo eles, o que determinava essas fases era a redistribuição do lixo no local.

Os quadrados no mapa remetem às barracas. Ao desenhar, eles ressaltaram que a maior parte delas era apenas uma estrutura erguida com postes de madeiras e lona. Percebe-se que ao lado ou dentro do desenho foram descritos os nomes dos proprietários de cada barraca. No mapa, também foi ilustrado um sofá e uma árvore. Segundo a catadora *Beta*, a sua tenda desabou com a chuva e por isso, ela ficou apenas com um sofá que usava para descansar. Ainda, os catadores traçaram uma rua e uma trilha. Eles elucidaram que a rua era utilizada pelos caminhões da coleta de lixo e que as trilhas eram usadas pelos catadores para chegarem às barracas.

O segundo mapa descreve a estrutura do galpão e como estão organizados os materiais e recursos da associação, como pode ser observado na **Figura 2**.

FIGURA 2: Mapeamento participativo do galpão da Associação



Fonte: Foto do mapa participativo elaborado pelos catadores associados da ASCAMARE (2021).

Pelo desenho é possível visualizar o espaço cedido pela prefeitura para os catadores. Os materiais armazenados no interior do galpão são os mais coletados e vendidos. Os traços pretos representam as paredes, exceto na parte onde está escrito “vidro quebrado”, que é uma caçamba que os catadores utilizam para armazenar esse material. As linhas na cor laranja remetem às divisões do espaço que são feitas pelos próprios catadores para organizar os materiais recicláveis, sendo que não há paredes e divisões físicas, são apenas imaginárias.

Na Figura 2 também tem algumas letras. A letra “C” refere-se às câmeras de segurança e as setas ao lado, apontam a direção que elas estão posicionadas; as letras “M” e “F” referem-se ao banheiro masculino e feminino, respectivamente. Para identificar quantas pessoas trabalham em determinado espaço e tarefa, o catador utilizou as siglas “1p”, “2p”, “3p” e “6p”, que nessa ordem significam uma, duas, três ou seis pessoas responsáveis.

No intuito de completar as informações coletadas no mapeamento participativo, foram realizadas duas entrevistas. A primeira entrevista realizada em campo foi com a gestora que atualmente está à frente da associação ASCAMARE, que como visto anteriormente é a tesoureira. Buscou-se identificar através desse diálogo aspectos relacionados às transformações ocorridas na transição do lixão para a associação e como isso tem interferido

no trabalho e nas práticas diárias dos catadores, e para tal, os pesquisadores contaram com o auxílio do tópico guia.

Inicialmente a primeira entrevistada destacou alguns pontos relacionados a não atuação da presidente da associação, uma vez que a mesma alega não ter “proatividade e liderança” para assumir tal responsabilidade. Por isso, é ela que representa a associação.

Quando questionada por um dos pesquisadores sobre a divisão de tarefas, a entrevistada disse que em termos de gestão, ela faz tudo sozinha. Ainda citou que ela é quem organiza as rotas, define as tarefas do dia para cada catador, define o local onde serão armazenados os materiais, vende os materiais, realiza os pagamentos, dialoga com a gestão municipal e demais pessoas que procuram a associação. Nesse ponto, ela comentou que os catadores confiam bastante no seu trabalho e acatam as suas ordens. No entanto, não deixou de mencionar que quando há queixas, elas são resolvidas por votações ou leituras dos parágrafos do estatuto, de forma democrática onde todos os sujeitos pertencentes àquele espaço possam participar e opinar.

Ao se tratar do ponto de vista da gestora acerca das ações dos catadores, ela deixou transparecer uma sensação de descontentamento com os mesmos afirmando que “os catadores não têm iniciativa para realizar as tarefas, pois sempre me consultam antes para saber o que devem fazer, mesmo quando ela não está no galpão”¹. Também disse que fica sobrecarregada e que tenta incluir alguns na função administrativa, mas eles não têm interesse.

Quando questionada sobre os desafios enfrentados pelos catadores associados, ela mencionou que acredita que o maior desafio deles seja “seguir as regras”. Também comentou que a renda individual reduziu em relação à que tinham no lixão. Complementarmente, ela adentrou no assunto da questão de consultar o estatuto sempre que há dúvidas ou adversidades. Mencionou também que eles separam 10% do faturamento para a manutenção da associação e que recentemente decidiram dar férias de 15 dias para os associados.

No dia 23 de julho foi realizada a segunda entrevista. Foi entrevistada uma servidora da Secretaria de Meio Ambiente do município de Esmeraldas no intuito de identificar o ponto de vista dela em relação à transição do lixão para associação e o que mudou nos moldes de organização dos catadores em suas práticas cotidianas. O autor responsável por essa entrevista iniciou a mesma semelhante a um diálogo, nada muito estruturado, até mesmo para não causar estranhamento à entrevistada. Desse modo, foi uma entrevista aberta, com duração de 2 horas.

Iniciou-se o diálogo expondo como os catadores se tornaram mais autônomos e protagonistas dos processos referentes à catação após migrarem para associação, uma vez que a entrevistada afirmou que na época do lixão estes sujeitos mantinham práticas individuais de trabalho.

“Depois que eles passaram para o galpão, aí até eles meio que começaram a estranhar... porque sempre viveram de

¹ Fala da 1ª entrevistada.

forma individual. Aí começaram a ter aquelas divergências, aí agora começaram, agora aprenderam mesmo a trabalhar em equipe. Eu acho bem bacana agora que eles estão. Aí você vê o amadurecimento deles também. Porque mesmo quando eles entraram para a associação, para dentro do galpão, eles eram mais, eles eram frágeis, eu diria assim no falar, tudo o que você falava eles abaixavam a cabeça. Aí agora eles já estão se impondo mais, e eu achei isso bem bacana.”²

Com base nisso, a entrevistada afirmou durante suas falas que houve um maior engajamento dos catadores frente a resolução de suas demandas diante das decisões envolvendo a associação, bem como no diálogo com a gestão municipal. Um ponto que chamou atenção em uma das falas da entrevistada, diz respeito ao coletivo, no sentido que quando surge uma demanda distante em termos territoriais, os catadores vão até o local e levam o material para o galpão da associação, e não vendem mais de forma individual igual ocorria na época do lixão. Isso demonstra o espírito de equipe e cooperação entre estes sujeitos. Pode-se constatar na fala da entrevistada que, houve uma mudança significativa na organização dos catadores em suas práticas cotidianas na associação, principalmente em termo de conflito e segurança no trabalho. Ao ser abordada quanto à ajuda oferecida pela prefeitura de Esmeraldas aos catadores quanto a prestação de serviços durante as rotas da catação, a entrevistada afirmou que:

“A rota, é... é a gente que dá palpite, mas eles também. Por exemplo, eu sempre dou esse exemplo. Uma das catadoras fala assim: “ahh eu queria catar no Taquaras.” E eu disse: “o que você vai fazer no Taquaras? Um lugar tão longe, onde as casas são longe uma das outras, o que vocês vão fazer lá? Tanto lugar perto para ir.” Ela teimou, falando que nós vamos no Taquaras. E hoje Taquaras é o lugar que dá mais material, entendeu? Então eu sempre falo com ela: “Nossa, se você tivesse me ouvido, porque o pessoal lá realmente separa, entende?” Eles participam. É, essa autonomia é deles. A gente fala, mas eles que dão opinião. Pelo menos da minha parte, eles que tomam a decisão.”²

É possível identificar o protagonismo dos catadores nessa fala das entrevistas, uma vez que eles precisam se posicionar enquanto coletivo para dialogar e expressar suas opiniões quanto às rotas do caminhão, e demais assuntos relacionados ao cotidiano. Isso é um aspecto positivo, se comparado a fala da gestora da associação, pois sob o ponto de vista da mesma os *“catadores não são proativos e não possuem espírito de liderança”*¹ logo, sua perspectiva diverge do posicionamento da servidora da prefeitura de

² Fala da 2ª entrevistada.

Esmeraldas. No entanto, em ambas as entrevistas, é relatado que há um maior posicionamento dos catadores durante as reuniões feitas na associação.

Ainda durante a conversa com a servidora pública, questionou-se quanto ao suporte dado por ela à associação nesse início. Ela afirmou que tem dado suporte quanto a questões mais técnicas, por exemplo, digitar uma ata, ofício, ou qualquer outro documento referente às atividades/reuniões que os catadores desenvolvem na associação.

“É eles já aprenderam por exemplo, tudo assim, que eu posso ajudar, eu ajudo, tem coisas lá que está muito amador ainda, como a folha de ponto, que nós montamos uma, é... a folha de pagamento né? Para eles terem controle né? Mas é algo que a gente fez para eles terem controle, mas que está funcionando. É... fizemos o termo de férias, os acordos de férias, mas é assim, mais digito mesmo. Eles falam: “Ah Érika, faz isso pra mim”. Mas é assim, eles pegam o modelo de outra associação, eh, faz um molde que dá para a associação. É... tudo que eu faço para eles eu mando. Me pediram para fazer um ofício para a polícia da manifestação que iam fazer, aí eu faço e mando para ela “É assim que você quer?”, entendeu? Porque a opinião é deles, eu sempre ajudo...”²

Ao fim do diálogo com a servidora, um de nossos pesquisadores a indagou sobre os riscos que os catadores ficavam expostos no lixão e hoje não mais porque, na associação os materiais são organizados e as tarefas que cada sujeito desempenha são seguras, evitando a exposição dos catadores a materiais tóxicos e outros acidentes no trabalho.

“Sem falar que era uma questão desumana, não tinham um lugar para comer, não tinham um banheiro, sabe? E assim, é, o caminhão chegava também... O próprio motorista ele já reclamava muito aqui porque na hora que ele ia descarregar, o catador nem esperava e aí corria o risco de acidente sabe? Então assim é... depois o catador naquela luta, no sol, na chuva e aí vinha outro e ainda roubava. É... era. foi complicado. Graças a Deus... a situação deles está bem melhor. As vezes estão ganhando menos ainda do que ganhavam lá, não conseguiram ainda aumentar a renda ainda do jeito que ganhava. Mas os outros benefícios que tiveram com a entrada do galpão foram ótimos. Claro que tem que melhorar muita coisa ainda. Eles falam lá que estavam triando de toda forma lá fora, sabe assim, mas em vista do que era antes no lixão... nossa...”²

Como pode ser constatado nessa última fala, o processo de triagem dos materiais coletados no galpão ainda é semelhante ao que realizavam no lixão, por realizarem a céu aberto, expostos ao sol e chuva. Em relação às

observações contidas nos mapas construídos pelos catadores, bem como nas falas das entrevistadas, percebe-se que há ligações entre elas e por essa razão, os dados foram analisados associadamente.

Ao examinar os mapas construídos pelos catadores pode-se observar que existe menos “detalhamento” no mapa referente ao lixão em termos de elementos e símbolos em comparação ao segundo mapa que remete à associação. Entretanto, ao analisar as narrativas que compõe o processo de desenvolvimento desse material, durante a elaboração do primeiro mapa onde estava sendo representado o lixão, os catadores trouxeram em suas falas uma maior afetividade com aquele espaço vivido, no sentido que nesse espaço existiam múltiplas territorialidades, histórias, e símbolos que compunham o cotidiano de trabalho dos catadores. Ao mesmo tempo eles frisaram as dificuldades enfrentadas no remanejamento das barracas em decorrência do terreno acidentado. Também relataram que como as barracas não eram de alvenaria, estavam sujeitas a sofrerem danos com a chuva ou vento. Uma exemplificação dessa fala é o desenho do sofá debaixo da árvore, que remete a um espaço que um grupo de catadores utilizavam para descansar após ter a barraca destruída pela chuva.

No segundo mapeamento referente à associação, é possível identificar um mapa com maior detalhamento e com seus elementos padronizados e “organizados” o que diz muito sobre o foco dessa atividade. Nesse mapa é possível identificar uma divisão territorial do espaço físico, chamamos de território porque cada lugar dentro da associação desempenha uma funcionalidade, tanto que na fala dos catadores durante o desenho do mapa, os mesmos destacam que essa organização do galpão é feita por eles mesmos onde é possível identificar a quantidade de pessoas responsáveis por cada setor. Observa-se também a localização dos banheiros, escritório, bags, cozinha e etc.

Ao comparar os dois mapas, nota-se que existe uma diferença significativa em relação aos dois contextos, sendo o primeiro relacionado ao lixão e o segundo ao galpão da associação. Desse modo, houve sim uma “organização” das relações de trabalho, se levar em consideração as estruturas físicas do lugar. Outro ponto diz respeito às qualidades de trabalho dos catadores, uma vez que, no lixão estes sujeitos se encontravam mais expostos aos resíduos tóxicos, ao contrário do atual contexto dentro do galpão. Entretanto, se tratando de vivência e subjetividades, através das falas identificamos um maior afeto dos catadores ao lembrarem-se do lixão, supostamente pelo fato deles terem passado maior parte de suas vidas nesse local e também pelo fato de desempenharem suas atividades de maneira autônoma nesse período, sem estabelecer relações empregatícias com empresas e gestão municipal. No que diz respeito à jornada de trabalho e à renda dos catadores, notou-se que na associação eles têm uma carga horária a cumprir (07:00h às 16:00h) e a renda individual reduziu. As entrevistas desenvolvidas confirmam as percepções dos autores, quanto a esses detalhes identificados nos mapas.

Quanto às entrevistas realizadas com a gestora da ASCAMARE e a servidora da secretaria de Meio Ambiente, pode-se observar algumas divergências em suas falas quando se trata do ponto de vista entre ambas

acerca das práticas cotidianas dos catadores da associação. Isso porque, a primeira entrevistada se mostrou pouco satisfeita com o engajamento e participação dos catadores nas deliberações da associação, alegando que ela é quem fica responsável por todos os processos o que tem acarretado certa “exaustão” no trabalho ao qual desempenha. Esta mesma entrevistada afirma que os catadores não “possuem espírito de liderança”. Ao analisarmos essa narrativa de uma maneira crítica, partimos do pressuposto que esse talvez fosse um ponto de vista específico da gestora, uma vez que durante o mapeamento os catadores se mostraram extremamente engajados e participativos, e até mesmo trouxeram em suas falas a maneira pela qual eles exercem suas tarefas diárias dentro do galpão e durante a catação.

Posteriormente, as falas da segunda entrevistada (servidora da prefeitura), a mesma destaca aspectos relacionados ao protagonismo dos catadores frente a resolução de suas demandas e articulação de suas práticas cotidianas, sempre procurando cooperar uns com os outros. Ao se tratar dos conflitos existentes nestes espaços, ambas entrevistadas deixaram claro que os conflitos eram bem maiores na época do lixão, justamente pela falta de organização e controle dos materiais que chegavam naquele local, individualismo e incidências de roubos dos materiais. Elas destacaram que houve algumas divergências no início da associação, entretanto não perpetuaram, e hoje as relações de trabalho são resolvidas de forma democrática dentro da associação, onde todos os membros possuem total liberdade para opinar durante as reuniões.

Quanto às transformações em relação à organização, foi possível constatar mudanças significativas, uma vez que no lixão os catadores ficavam expostos e sem nenhuma proteção no trabalho, ao contrário da associação onde os mesmos se encontram em melhores condições de trabalho. O fator renda foi algo que sofreu bastante alteração. No lixão os catadores tinham uma renda maior e, ainda, não conseguiram recuperá-la na associação. As razões para isso, conforme as informações repassadas pelas entrevistadas, são: baixo volume de material coletado; divisão dos lucros entre os associados; falta de conhecimento da população a respeito da coleta seletiva; bem como, não conseguem realizar a cata em todos os bairros do município, dado a sua grande extensão territorial e falta de veículos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos catadores optam por trabalhar no lixão devido à autonomia de trabalho, como escolher as formas de trabalho e horário (FREITAS; FERREIRA, 2015). Porém, em situações de encerramento do lixão a céu aberto, os catadores se vêem sem o seu local de trabalho. Desse modo, as associações de catadores de materiais recicláveis exercem um papel importante, pois facilita o trabalho do catador ao uni-los e a gerar um maior recurso de trabalho (REIS; TEODÓSIO, 2019).

Ao analisar as mudanças nas práticas cotidianas dos catadores de materiais recicláveis do município de Esmeraldas (MG) após o fechamento do lixão e a reativação da associação, por meio da aplicação do método cartográfico e dos instrumentos de coleta e análise de dados, percebeu-se que

várias foram as mudanças ocorridas com a ida dos catadores para o galpão, após a reativação da associação. A primeira delas, diz respeito ao fato de o trabalho individual passar a ser coletivo, desse modo, eles começaram a dividir os lucros e as tarefas, respeitando o voto da maioria e lidando com as diferenças individuais. Sendo assim, os mesmos conseguiram reduzir significativamente os conflitos internos no ambiente de trabalho. Um dos fatores que contribuiu na diminuição dos conflitos foi o cumprimento das normas do Estatuto da associação.

Outro marco dessa transição foi o sentimento de segurança dos catadores, uma vez que agora há um local fechado e monitorado por câmeras, para armazenar os materiais recicláveis. Também, o novo espaço permite com que eles organizem locais específicos para armazenar cada tipo de material, evitando que os mesmos fiquem misturados.

Em relação a qualidade de vida do catador, houve avanços após o fechamento do lixão. Com base nas informações obtidas, atualmente eles estão em um espaço que valoriza a sua dignidade humana, pois possui banheiros, cozinha e reconhecimento da sociedade, o que não havia na época do lixão. No entanto, notou-se uma prática semelhante ao do lixão, que é a triagem dos resíduos, que ainda continua sendo a céu aberto.

Alguns aspectos relacionados ao protagonismo dos catadores dentro da associação chamaram bastante atenção neste estudo. Enquanto os mesmos se demonstraram altamente engajados em sua prática, ao entrevistar a gestora a informações não convergiram. Desse modo, é de interesse dos pesquisadores do presente estudo dar continuidade a pesquisa no próximo semestre a fim de obter o ponto de vista do catador acerca das suas ações e protagonismo no espaço da associação.

Esperamos que a presente pesquisa possa inspirar novas investigações sobre os caminhos, práticas, construção de espaços e interações que os catadores, na busca pela autogestão e a reprodução de modelos organizacionais inclusivos tem desenvolvido frente aos recorrentes e novos desafios que se apresentam a esses trabalhadores nas cadeias de gestão de resíduos sólidos urbanas, não apenas no contexto brasileiro, mas em diferentes países do mundo nos quais o lixo, os materiais recicláveis e os resíduos se encontram e são encontrados por esses agentes ambientais tão pouco valorizados e compreendidos em complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. SPERANZA, J. S. PETITGAND, C. Lixo Zero: Gestão de resíduos sólidos para uma sociedade mais próspera. **Planeta Sustentável**, Instituto Ethos. São Paulo, p.10-39, 2013.

ACSELRAD, H.; VIÉGAS, R. N. Cartografias sociais e territórios: um diálogo latino-americano. *In*: ACSELRAD, Henri. **Cartografia social, terra e território**. 1. ed. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013. cap. 1, p. 15-41.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da**

cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Diário de Bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. cap. 9, p. 172-200.

BOSI, A. P. A organização capitalista do trabalho “informal”: O caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (online), v.23, n.67, p. 101-116, jun. 2008. ISSN 1806-9053

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **600 lixões desativados menos de um ano após sanção do Marco do Saneamento.** Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/noticias/600-lixoes-desativados-menos-de-um-ano-apos-sancao-do-marco-do-saneamento>.

CARDOSO, A. A uberização da coleta seletiva: reflexões sobre as novas formas de trabalho na era da economia digital. **Revista Contraponto**, v.7, n.2, p. 217-237, out, 2020.

CARRIERI, A. P.; PERDIGAO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Rev. Adm. (São Paulo)** [online]. 2014, vol.49, n.4, pp.698-713. ISSN 1984-6142.

COELHO, D. B.; GODOY, A. S. De catadores de rua a recicladores cooperados: um estudo de caso sobre empreendimentos solidários. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.45, n.3, p. 721-749, mai-jun, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Acerca do ritornelo. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4, p. 115-170.

FOUCAULT, M. **Discipline and Punish: The Birth of the Prison.** Harmondsworth: Penguin, 1997.

FREITAS, D; FERREIRA, F. Perfil dos Catadores de Materiais Recicláveis nos Lixões de Minas Gerais. **Caderno de Geografia**, v.25, n.44, p.1-15, 2015.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

LIMA, M. R. P. Paradoxos da formalização: a inclusão social dos catadores de recicláveis a partir do caso do encerramento do aterro de Jardim Gramacho

(RJ). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.24, n.50, p. 145-180, jan-abr, 2018.

MACHADO, F. C. L.; SILVA, A. R. L.; FERNANDES, T. A. The Ordinary, Cultures and Management: The Organizing Processes whit in the Handicraft Sector in Piúma (ES), Brazil. **Organizações & Sociedade**, v.27, n.95, p. 644-673, 2020.

MEDINA, M. The informal recycling sector in developing countries: Organizing waste pickers to enhance their impact. **GridLines**. Note nº 44. Oct. 2008.

PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, V. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERÁN, M. Maneras de Hacer Mapas. **Revista de La Escuela de Arquitectura de La Universidad de Costa Rica**, v. 2, n.4, 2013.

POSSAS, M; C; MEDEIROS, C. R. O.; VALADÃO JÚNIOR, V. M. *Organizing: compreendendo interações e práticas do Grupo Galpão*. **RAE- Revista de Administração de Empresas**, v.57, n.5, 2017.

REIS, C. A.; TEODÓSIO, A. S. COOPERATIVAS? NEM PENSAR!: uma análise de indivíduos nas idas e vindas da catação nas ruas de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 6, p. 210-236, 2019.

*Bolsista FAPEMIG.

**Bolsista CAPES.